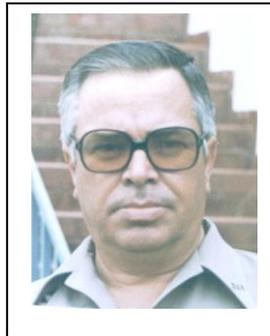


**FHE** **POUPEX**

**A ESQUADRA LEGAL E O SEU COMANDANTE ALTE JERONIMO GONÇALVES [QUE COMBATERAM A REVOLTA DE UM QUINTO DA ARMADA EM SANTA CATARINA E RIO DE JANEIRO], EM 1893-94**



**Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO**

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia e que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. É autor em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis das histórias da 1ª, 2ª e 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada e, o biógrafo do General Osório, na obra General Osório o maior herói e líder popular brasileiro, no bicentenário de seu nascimento em 2008.

Digitalização de artigo do autor na Revista do IHGSC para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e cópia impressa para ser integrada no Programa Pérgamum de bibliotecas do Exército

# REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA

ISSN 0103 - 4669



BENTO, Claudio Moreira, cel. A  
proposito da Revolução Fe-  
deralista-A Esquadra Legal  
(ou de Papelão) eo seu co-  
mandante Alte Gonçalves. RI  
HGSC. 3a Fase, nº 12, 1993 pp.  
117-133 (16 paginas)

## A ESQUADRA LEGAL E O SEU COMANDANTE Alte JERONIMO GONÇALVES QUE COMBATERAM A REVOLTA DE UM QUINTO DA ARMADA EM SANTA CATARINA E RIO DE JANEIRO, EM 1893-94

### A Esquadra Legal ou Esquadra de Papelão

A Revolta de um quinto da Armada, nome então da Marinha de Guerra do Brasil, estourou na baía de Guanabara em 6 de Setembro de 1893 e terminou praticamente em Santa Catarina, em 16 de Abril de 1894. Ela obrigou ao Governo a mobilizar uma Esquadra legal que passou à História, penso que injustificadamente, como a "**Esquadra de Papelão**". Esta, no auge, chegou a dispor de 14 unidades navais. Seu comandante foi o almirante reformado Jerônimo Francisco Gonçalves, herói da Guerra do Paraguai. Ali, o jovem oficial comandou um dos encouraçados que forçaram o rio Paraguai, em Curupaiti e Humaitã. A "Esquadra de Papelão" no auge possuiu as seguintes unidades: cruzadores **Niterói** (ao comando do CT Alexandre Baptista Franco); **Andrada** (ao comando do CT João Baptista das Neves) que mais tarde em 1910 foi morto por marinheiros amotinados na Revolta dos Marinheiros. Hoje é herói naval promovido "post mortem" a almirante, além de nome da enseada de Angra dos Reis onde se situa o Colégio Naval; o vapor armado **Itaipú** (ao comando do CT Rodolfo Lopes da Cruz); a corveta **Parnaíba** (ao comando do CT João Augusto Soares Dutra); as torpedeiras comandadas por tenentes de Marinha e que se deslocavam em mar alto rebocadas. Comandada pelo 1º ten Altino Flávio de Miranda Correia e lembrando o nome de aluno da Escola Militar morto no combate à revolta e 1º ten Júlio Alves Brito); a **Pedro Afonso** (comandada pelo 1º ten J.M.Paiva e mais tarde pelo 1º ten Amyntas José Jorge e homenagem a um herói do Exército que tombou morto ao lado de Marcílio Dias e de Greenhalgh); a **Silvado** (comandada pelo 1º ten Américo Brasília Silvado); a **Greenhalgh** (comandada pelo citado ten Amyntas); a **Piratini** (que era semi-submarina) e a **Silva Jardim** (que foi a pique após abalroada entre o Recife e o Rio pela **Gustavo Sampaio**). Como navio hospital e tender funcionou o **São Salvador** (ao comando do 1º ten Tancredo de Castro Jauffret). Foi formada em Montevidéu a **3a. Divisão da "Esquadra de Papelão"** formada pelo cruzador **Tiradentes**(1) que havia sido enviado para reparos para enfraquecer a Esquadra, de igual forma que o **Riachuelo** havia sido mandado para reparos na Europa e mais os navios **Santos** e **Bahia**. Enfim uma Esquadra improvisada, tripulada por jovens oficiais da Marinha e por alunos das escolas militares do Exército, do Ceará, de Porto Alegre e da Praia Vermelha e por marinheiros norte-americanos e de outras nacionalidades, contratados em Nova York. Esta Esquadra tinha a orientá-los o almirante Jerônimo Gonçalves, o CF Alvaro Nunes Belfort e o CMG Gaspar da Silva Rodrigues, respectivamente comandantes da Esquadra e das 1ª e 2ª divisões navais da mesma. Não se tem notícias dos comandantes da 3a divisão.

### O pensamento do almirante Gonçalves sobre a missão recebida

O almirante Gonçalves assumiu o comando da Esquadra legal em Montevidéu, em 21 de outubro de 1893, então constituída do núcleo inicial formado pelo cruzador **Tiradentes**, couraçado **Baía** e vapor **Santos**. Ele chegara ao Uruguai a bordo do navio inglês **Thames** acompanhado de 6 oficiais da Marinha, 2 oficiais do Exército (2), 14 sargentos e 25 alunos da Escola Militar da Praia Vermelha. Ao assumir o comando baixou Ordem do Dia na qual dizia de sua missão, de seu pesar por tratar-se de lutas entre irmãos que não oferecia glórias e nem produziria heróis. Objetivava a tranquilidade do País. E assim humildemente e sem tripudiar de seus companheiros em revolta falou:

***"A luta que se está travando não produz heróis, nem glórias, muito ao contrário, todo o sangue derramado, seja de quem for, nos enche de pesar, porque é sangue de irmãos, é sangue de brasileiros. É preciso que a lei seja respeitada e, colocando-nos ao lado do governo em sua defesa, cumprimos o nosso dever de brasileiros e de militares, que acima das simpatias pessoais colocam o amor à Pátria e, deste modo, o bem-estar e a tranquilidade do lar brasileiro que presentemente sofre os horrores do sítio e os seus sobressaltos."***

Em 26 de Novembro de 1893 chegaram a Recife os navios adquiridos no estrangeiro para reforçar a Esquadra legal. Eram os cruzadores Niterói e Andrada e as torpedeiras Gustavo Sampaio, Silvado, Greenhalg, Pedro Ivo, Pedro Afonso, Piratini, Bento Gonçalves e Silva Jardim (3). O Niterói era guarnecido por 600 homens, metade brasileiros e metade americanos.

Em 7 de Dezembro de 1893 desembarcaram no Recife 125 alunos da Escola Militar do Ceará. Foram aquartelados no quartel do 2º Batalhão de Caçadores, em Afogados, onde se encontraram com alunos das escolas militares da Praia Vermelha e Porto Alegre, ao comando do cap Marcos Curius Mariano de Campos. Neste quartel aguardaram a distribuição pelos navios da Esquadra Legal. Estavam na espera quando, em 14 e 15 de Janeiro de 1894, os navios revoltosos República, Uranus e Esperança atacaram e conquistaram o porto de Paranaguá, estendendo o domínio pelas redondezas, como Antonina por exemplo.

### **Operações da Esquadra legal de 22 Jan-23 Jun 1894 - 5 meses**

Em 22 de Janeiro de 1894 o almirante Gonçalves chegou de Montevideú a bordo do vapor Itaipú armado em guerra. No mesmo dia, a tarde, a frente da Esquadra zarpuou com destino a Salvador onde permaneceu todo o mês de fevereiro se adestrando e homogeneizando, dentro do possível, sua tripulação jovem e improvisada para a emergência. Enquanto isto, em 29 de Fevereiro, o almirante Saldanha da Gama tentara, em disputadíssimo e sangrento combate, conquistar a Ponta da Armação e, o legendário general Gomes Carneiro falecia na Lapa, que só capitulou após cumprir sua missão retardadora.

Em 12 de Março de 1894 a Esquadra legal deixou Salvador rumo ao Rio de Janeiro onde chegou após dez dias de movimentada viagem, tendo fundeado fora da barra defronte a Escola da Praia Vermelha. Foi um grande feito para uma tão heterogênea, não especializada e jovem tripulação.

Mario Clementino, mais tarde professor de História Militar na Praia Vermelha (escreveu sobre o assunto sobre o qual produziu obra valiosa e ainda atual), como tripulante do cruzador Niterói registrou esta cena à noite no litoral de Pernambuco, quando brasileiros e americanos fraternizavam:

***"De repente, para terminar uma noite musical, um flautista da guarnição brasileira levantou-se e tocou o Hino Nacional Brasileiro. Todos indistintamente se puseram de pé e ouviram—no recolhimento. No final, as palmas dos americanos estrugiram no ar. Mas quando elas cessaram, uma comoção inteiramente imprevista para nós tocou—nos profundamente. A guarnição americana, de pé e unânime, cantava o seu Hino Nacional."***

Em 11 e 12 de Março a Esquadra legal fez demonstrações de um possível ataque ao temível e temido encouraçado Aquidabã, próximo a ilha dos Porcos.

Em 13 de Março a Esquadra legal levantou ferros das ilhas Maricá e passou ao meio dia frente a barra do Rio de Janeiro onde assistiu o canhoneio das fortalezas da Lage e

de Santa Cruz. Fundearam atrás da Cotunduba a espera de ordens. Ali a Esquadra legal conheceu a rendição, no dia anterior, dos revoltosos que, com seu comandante, almirante Saldanha da Gama, foram acolhidos como asilados a bordo de duas corvetas portuguesas.

Ainda a 13, às 16:30 horas, a Esquadra Legal do almirante Gonçalves entrou na barra do Rio de Janeiro na seguinte formação: **Niterói**, **Itaipú**, **Andrada**, **Gustavo Sampaio**, **São Salvador**, e as torpedeiras **Pedro Ivo**, **Pedro Afonso**, **Silvado**, **Greenhalgh** e **Piratini**.

Ela foi objeto de salvas e aclamações de parte das fortalezas de **Santa Cruz** e da **Lage**, **Gragoatá** e **Armação**, as que sustentaram a maior reação a Revolta durante seis meses. Ela a seguir fundeou defronte a Niterói, cidade que fora a mais castigada pelo canhoneio dos revoltosos, pois o Rio fora declarada Cidade Aberta.

Em 14 ela ajudou a eliminar os últimos focos da Revolta, tendo atuado inclusive em Paquetã, dia este que o almirante Gonçalves, em Ordem do Dia, declarou terminada a Revolta na baía de Guanabara.

O resto de Março e primeiros dias de Abril, a Esquadra legal dedicou a preparar-se para expedicionar a Santa Catarina e lá combater remanescentes da revolta, escudados em alguns navios ao comando do almirante Custódio de Mello, entre eles o encouraçado **Aquidabã**, o único do Brasil. Encouraçado este ao comando do gaúcho, filho do Rio Pardo - o comandante Alexandrino de Alencar que viria mais tarde ser Ministro da Marinha em três governos e que, em 15 de Novembro de 1889, havia comandado tropa que apoiou a proclamação da República no Quartel General do Exército.

Enquanto isto, de 6 a 12 de Abril de 1894, o almirante Custódio de Mello a frente de remanescentes da revolta, a chamada "**Esquadra de Fora**" formada pelos navios cruzador **República** e vapores **Uramis**, **Íris**, **Meteoro** e **Esperança** atacaram a cidade de Rio Grande com a Divisão Federalista do general Salgado. Meu pai morava na barra e possuía quase seis anos e recorda o episódio que o impressionou vivamente, inclusive os das vivandeiros que acompanhavam a tropa que desembarcaram famintas e fizeram uma operação, hoje chamada arrastão, catando dos quintais e hortas dos moradores da barra, toda a sorte de alimentos encontrados, sem que sofressem nenhuma reação. Então os revoltosos puseram a pique a canhoneira legal **Cananéia** que mais tarde foi recuperada, e prenderam a canhoneira **Camocim**.

### **Operações da Esquadra legal em Santa Catarina e Paraná**

Em 8 de Abril de 1894 a Esquadra legal deixou o Rio rumo ao sul em busca dos remanescentes da Revolta, em torno do Governo Provisório dos Estados Unidos do Brasil, estabelecido em Santa Catarina, que rompera com a União, e como capital a cidade de Desterro (atual Florianópolis). Aliás, governo que lembra o governo farroupilha estabelecido em Laguna- SC, em 1839, onde foi proclamada a República Juliana, com a qual os revolucionários pudessem se comunicar com o exterior. Governos citados que foram marcados pelo insucesso e não cumpriram o que deles foi esperado por ambas revoluções.

1ª.- navios **Niterói**, **São Salvador** (tender) e **Parnaíba**

2ª.- navios **Gustavo Sampaio**, **Pedro Ivo**, **Pedro Afonso** e **Silvado**

3ª.- navios **Santos**, **Itaipú** e **Tiradentes**.

A Esquadra chegou em Santos onde ficou a corveta **Parnaíba**. Após navegar todo o dia 10, em 11 deu entrada no Porto Belo, onde conheceu que o **Aquidabã** se encontrava próximo da fortaleza de Santa Cruz, na baía Norte de Santa Catarina. Reconhecimento realizado pelo vapor **Itaipú** comprovou a presença do **Aquidabã**.

Nesta ocasião, no capão do Boi Preto, em Palmeira das Missões RS, tropas legalistas ao comando do coronel Firmino de Paula massacraram, por degolamento, tropa federalista, vingando o massacre republicano de Rio Negro, em Bagé, em 28 de Novembro de 1893, em que 333 republicanos civis foram degolados por tropa ao comando do general Joca Tavares. Literalmente duas manchas negras na memória do Rio Grande do Sul difíceis ou impossíveis de apagar.

A fortaleza de Santa Cruz, em Santa Catarina, foi bombardeada em 13 e 14 de Abril, respectivamente, pelo **Andrada** e **Itaipú**, sem que a resposta lhes causasse danos. Em 16, às 00:00 horas, a Esquadra suspendeu da enseada dos Ganchos e 'as 2 horas passou a bombardear a fortaleza de Santa Cruz citada, com os navios **Tiradentes**, **Santos e Itaipú** e a fortaleza **São José da Ponta Grossa** com **Andrada** e **Niterói**. As torpedeiras **Gustavo Sampaio**, **Pedro Afonso** e **Silvado** atacaram as 3 horas e foram alvo de vivíssimo fogo de parte do **Aquidabã** e das fortalezas, cujo valor militar tivemos a oportunidade de focalizar em artigo "Em torno da fortaleza São José da Ponta Grossa". **Revista Militar Brasileira** jul/dez 1977, p.23-47). Hoje disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) ).

Às 3 e meia horas, noite escura, ainda, as canhoneiras se aproximaram do temido **Aquidabã** e dispararam contra ele 3 torpedos, sendo que o único disparado pela **Gustavo Sampaio** logrou atingir o alvo. Ao amanhecer a Esquadra legal retornou ao ancoradouro e neste mesmo dia foi ancorar na enseada Canasvieiras, local onde, 123 anos atrás, o vice-rei do Rio da Prata, D. Pedro Ceballos, fundeara para depois invadir a ilha de Santa Catarina e dominá-la por algum tempo, após rendida na fortaleza São José da Ponta Grossa, atacada terra..

O cruzador alemão **Ancona** informou ao almirante Gonçalves que os revoltosos haviam abandonado o **Aquidabã**, que fora atingido por um torpedo na proa a bombordo. Às 10 horas a Esquadra legal formou em linha de combate defronte o temido e legendário **Aquidabã**. O **Tiradentes** o abordou e constatou não existir ninguém a bordo. A **Gustavo Sampaio** que o atingira no 1º torpedeamento realizado no Atlântico Sul, segundo estudiosos do assunto, embandeirou em arco e deu uma salva de 21 tiros.

Uma guarnição do **Niterói** ocupou a fortaleza de Santa Cruz. A vitória sobre o **Aquidabã** de parte da "Esquadra de Papelão" ou Esquadra legal, tribute-se a tática usada pelo almirante Gonçalves de atacar à noite. Caso contrário, frente ao **Aquidabã**, um ataque diurno de sua parte, ela, segundo especialistas, faria jús ao apodo irônico de "Esquadra de Papelão". Pois, com o concurso das fortalezas fixas e da móvel que era o **Aquidabã**, ela seria espatifada. Ainda em 17 de Abril de 1894, dia que assinala o término da Revolta da Armada e da Revolução Federalista em Santa Catarina, o almirante Gonçalves ocupou a ilha de Santa Catarina com 100 alunos da Escola Militar da Praia Vermelha apoiados pelo cruzador **Tiradentes** e torpedeira **Gustavo Sampaio**. Em 18 mandou encravar os dois canhões montados pela revolta na fortaleza de São José, conforme tratamos em artigo citado.

No dia 19 chegou ao almirante Gonçalves a notícia de que o almirante Custódio de Mello havia deposto as armas em 15 de Abril e feito entrega ao governo argentino dos navios revoltosos **República**, **Uranus**, **Meteoro**, **Íris** e **Esperança**. Neste dia foi dado comando legal ao **Aquidabã**, em reparos.

Em 21 de Abril de 1894, chegou a ilha o vapor **Itaipú** e com ele, para muitos revoltosos e revolucionários catarinenses e paranaenses e familiares, a desgraça - o coronel Moreira Cezar, natural de Pindamonhangaba em São Paulo, enviado como governador civil e militar de Santa Catarina. Militar polêmico que havia conquistado, em duro combate a revolta a ilha do Governador e que encontraria a morte em Canudos a frente de uma expedição que lhe coube comandar. Ele é

acusado de massacres por fuzilamento e, sumariamente, de revolucionários e revoltosos na ilha de Santa Cruz e, em 25 de Maio de 1894, no KM 64 da ferrovia Curitiba-Paranaguá e, uniformizado, Lobo D'Eça, barão e marechal, herói da Guerra do Paraguai, junto com outros companheiros. Tudo em nome e contra violências inomináveis praticadas por federalistas no Paraná e Santa Catarina, como pelo sanguinário capitão federalista Cesário Saraiva, muitos degolamentos. Era a lei de Talião "**Olho por olho, dente por dente**", ao invés de orientação mais consentânea como expressara o general Simon Bolívar:

**"Nas guerras civis é político ser generoso, pois do contrário a vingança aumenta progressivamente".**

Esta é uma preciosa lição a ser tirada pela posteridade.

Os revoltosos do Rio de Janeiro levados para Montevidéu por corvetas de Portugal inquietam-se e muitos conseguem fugir, até que remanescentes, embarcados em navio especialmente fretado, o **D. Pedro III**, foram transportados para Portugal e internados nas fortificações de Peniche e Elvas.

Em 23 de Abril, a Esquadra legal foi operar em Paranaguá e São Francisco. Entre 24 e 30 atuou em Paranaguá-Porto das Aguas onde restaurou a autoridade legal, inclusive em Antonina. Neste ínterim o almirante Saldanha conseguiu libertar-se em Montevidéu de navio português, onde se asilara.

A Esquadra restabeleceu a legalidade em São Francisco e em 2 de Maio retornou à ilha de Santa Catarina e cruzou com o **Aquidabã** que soçobrara no razo e estava sendo reparado para ser levado para o Rio. Em 4 de Maio de 1894, após deixar o **Aquidabã** sob a proteção do **Santos** e das canhoneiras, a Esquadra legal partiu para Montevidéu para buscar os navios revoltosos que o almirante entregara a Argentina, os quais foram por esta devolvidos e haviam chegado a ilha Martim Vaz rebocados e em 16 de Maio. Eram eles o **Iris**, o **15 de Novembro** (ex-República), o **Meteoro**, e o **Esperança** que necessitavam reparos antes de voltarem ao Rio. Por esta razão a Esquadra legal permaneceu em Montevidéu até 8 de Junho, de onde rumou para Santa Catarina, composta agora de 15 unidades. Após permanecer, desde 10, neste local, partiu para o Rio em 13, chegando na Ilha Grande em 17.

No dia 21 de Junho de 1894 ela entrou na baía da Guanabara vitoriosa e com sua missão bem cumprida e foi muito bem recebida, conforme seu tripulante o jovem Malan d'Angrogne, mais tarde chefe da Estado-Maior do Exército:

**"Chegamos ontem de Montevidéu, rebocando os navios aprisionados. Não te podes dar conta da acolhida do Rio de Janeiro, flores, salvas, aclamações, bandeiras etc. Senhores que nos cumprimentam, senhoras a nos festejar, moças que nos sorriem \_\_\_\_\_"**

Com ela vinha rebocado o famoso encouraçado **Aquidabã**, que 12 anos mais tarde na baía de Jacuecanga, explodiu acidentalmente morrendo com eles muitos irmãos brasileiros e indo ao fundo. Hoje seus restos ainda podem ser vistos no fundo do mar. Este acidente comoveu todo o Brasil. Seu nome lembrava o local onde teve fim em 1 de Março de 1870 a Guerra do Paraguai.

A campanha da Esquadra legal foi encerrada em 23 de Junho, após cinco meses de atuação efetiva. Então foi dissolvida e seu comandante, em Ordem do Dia, assim viu e registrou para a posteridade a sua atuação:

**"A vitória da causa legal e o restabelecimento da paz e da tranquilidade de nossa Pátria foram os frutos colhidos pelos varonis esforços que empregamos para debelar a revolta que, nascida sem causa legítima, apenas para satisfazer mesquinhas ambições, ameaçava tragar o Brasil em sua voragem. Cumprimos o**

***nosso dever e por mais ingrata e rude que nos parecesse a tarefa, alentavamos sempre a esperança de que a vitória traria tão assinalados serviços ao país, que os nossos sacrifícios seriam largamente compensados. Aos jovens camaradas de terra e mar, que tão relevantes serviços acabam de prestar à República, compete agora dedicarem-se ao estudo e ao trabalho".***

Para o almirante Gonçalves a causa da Revolta foi **"apenas satisfazer mesquinhas ambições"**. Era uma velada crítica ao seu líder Custódio de Mello. Dois dias depois desta Ordem do Dia, em Portugal, os revoltosos que foram internados nas fortalezas de Peniche e Elvas, protestaram pelos maus tratos que lá recebiam, nada podendo fazer por eles o almirante Saldanha da Gama que se empenhou fundo em defendê-los, sem sucesso.

O almirante Gonçalves por ordem do Congresso retornou em 30 de Junho ao serviço ativo da Marinha. Pouco se tem falado ou escrito sobre a epopéia que comandou com tanta dignidade, profissionalismo e patriotismo.

Dele tomamos conhecimento através de palestra do historiador naval almirante HÉLIO Leôncio Martins, no Serviço de Documentação da Marinha, onde ele iniciou a fazer-lhe justiça. Penso que sua memória precisa ser resgatada e cultuada no Brasil e retirada a enorme pedra que foi colocada sobre seus serviços ao Brasil e sua memória. Ele sem dúvida, se constitui num grande exemplo e um grande expoente naval brasileiro, como o são os almirantes Tamandaré, Barroso, Custódio, Saldanha da Gama, Alexandrino de Alencar, etc. **"História é verdade e justiça!" "Informação é liberdade de escolha"**. A posteridade brasileira precisa melhor conhecer o almirante Gonçalves para melhor julgá-lo e sobretudo, com empatia.

Os tripulantes do **Aquidabã** após deixá-lo, em 16 de Abril, procuraram junção com os federalistas de Gumersindo Saraiva que retornaram ao Rio Grande, em 25 de Abril de 1894, a partir de Curitiba, por impedidos de prosseguir após a épica e legendária resistência da Lapa comandada por Gomes Carneiro que bem cumpriu sua missão estratégica de ganhar tempo para o Governo colocar forças compatíveis para barrar o avanço federalista. Esta retirada de tripulantes e revoltosos do **Aquidabã**, sob a liderança do comandante Alexandrino de Alencar, é relatada com detalhes interessantes por Angelo Dourado em **Voluntários do Martírio** (P. Alegre, Martins Livreiro, 1975), também rica em informações sobre a Revolução Federalista em Santa Catarina e Paraná.

Em 23 de Setembro de 1894, foi formada Junta Revolucionária composta pelos almirantes Custódio de Mello, Saldanha da Gama e Silveira Martins, visando uma nova invasão ao Rio Grande do Sul. Ela teve lugar em 28 de Abril de 1895, com Saldanha da Gama a frente do Exército Libertador, constituído de 900 homens, sendo 150 marinheiros remanescentes da Revolta da Esquadra. No dia seguinte ele foi lanceado em Campo Osorio, por republicanos ao mando superior do general Hipólito Pinto Ribeiro. Foi o epílogo, de fato, da Revolta da Armada e da Revolução Federalista. Floriano já havia deixado o Governo fazia 5 meses e meio, fora substituído por seu adversário político Prudente de Moraes. Decorridos 5 dias da morte de Saldanha da Gama morreu em Divisa (atual Florianópolis), em Barra Mansa, o marechal Floriano Peixoto que passou à história como o **"marechal de Ferro"**. Quando Saldanha da Gama e Floriano desapareceram, fazia cerca de mes e meio que havia desaparecido em Carovi, o general federalista Gumersindo Saraiva, atingido por disparo fatal quando procedia um reconhecimento.

Em 21 de Outubro de 1895, foi assinada a Paz de Pelotas pelos general Galvão de Queiroz pelo Governo e pelo general Joca Tavares (João Nunes da Silva Tavares), que foi ratificada no dia seguinte pelo Presidente Prudente de Moraes que, em 21 de Outubro de 1895, decretou anistia aos revoltosos da Armada e revolucionários federalistas.

**"História é verdade e justiça"**, repetimos. Deixo à inteligência da Posteridade as conclusões e as lições a serem tiradas do episódio tristíssimo que acabo de recordar e que deixou em sua esteira as manchas negras de degolamentos em massa de Rio Negro e Boi Preto e os fuzilamentos em Santa Catarina e Paraná na fortaleza de Santa Cruz e

no km 64 da ferrovia Curitiba-Paraná. Fuzilamentos que eliminaram sumariamente o CMG Frederico Guilherme de Lorena, um soldado valoroso que presidira o Governo Provisório do Brasil em Santa Catarina, à frente do qual cumpriu os ditames da ética militar, em relação aos prisioneiros.

Uma, ou a mais preciosa tradição gaúcha é a de **Firmeza e Doçura** que se traduz em combate: **Firmeza** por lutar com toda a garra, valor e determinação. **Doçura** traduzida após a vitória como respeito, como religião, à vida, à família, à dignidade, ao patrimônio e honra do vencido inerme. Isto foi o que os farrapos transmitiram e que os combatentes de 1893-95 excepcionalmente honraram. Esta é a lição maior a ser retirada do exposto!

Segundo o almirante Leôncio Martins, historiador naval, só 1/5 da Marinha participou da revolta, ou cerca de 20%, tomando conta das principais unidades navais no Brasil.

Comandou a torpedeira de porto Sabino Vieira, o então tenente Henrique Boiteux, futuro almirante e historiador naval. Em suas **Reminiscências** ele conta a saga da **Sabino Vieira** e dá seu testemunho sobre vários aspectos da Esquadra legal e sobre a personalidade de seu comandante.(4)

### **O almirante Jerônimo Francisco Gonçalves (1835-1903) O organizador e comandante da Esquadra legal**

Não foi tarefa fácil obter-se dados biográficos do almirante Gonçalves que comandou a Esquadra legal, chamada pejorativamente de "**Esquadra de Papelão**", que combateu em 1893/94 um quinto, ou 20% da Esquadra em Revolta, segundo ouvi do historiador naval almirante Leôncio Martins, em Bagé, em 28 de Abril de 1993. Ficamos curiosos com as seguintes referências ao ilustre, mas esquecido personagem naval que falavam num grande herói brasileiro.

A primeira de Henrique Boiteux, historiador naval brasileiro que como tenente servira na Esquadra legal no comando da canhoneira **Sabino Vieira**. Isto ao escrever suas Reminiscências:

***"Ao apresentar-me a bordo do navio de guerra Itaipu, já encontrei nele o alte. Jerônimo Gonçalves, cujos exemplos de bravura na Guerra do Paraguai encheram nossa História".(o grifo é nosso)***

A segunda de Eloy Pessoa, fundador da **Revista Marítima Brasileira**, após Jerônimo ser reformado:

***"Em qualquer eventualidade que o Brasil exija um pátrio dedicado até o sacrifício, Jerônimo Gonçalves se apresentará com o seu gênio militar e a sua valente espada para brilhantemente provar que apenas repousa de uma grande luta (Guerra do Paraguai) de que fora grande herói".(o grifo é nosso)***

Procurando estas informações que o davam como um bravo e herói naval, encontramos a confirmação na obra do Capitão de Fragata Alberto Augusto Gonçalves, **Traços biográficos do alte. Jerônimo F. Gonçalves**. Rio, Imprensa Naval, 1943. (Separata de "Subsídios da História Marítima do Brasil"). Nela seu biógrafo e genro nas palavras iniciais informa seu propósito:

***"Tratar-se de justa homenagem a marinheiro ilustre, cidadão insigne, homem bom e digno, cuja existência constitui um rosário de notáveis serviços prestados ao Brasil, na paz e na guerra, e exemplo digno de ser transmitido às gerações vindouras... pelo seu grande amor ao Brasil por ele colocado acima de tudo na vida."***

Lendo sua biografia concluí estar frente ou estar lidando com um dos mais bravos, constantes, intrépidos, valentes e determinados guerreiros navais do Brasil na Guerra do Paraguai que fez jus a 5 (cinco) citações por bravura em combate e que dividiu com o

ten.cel.Vilagran Cabrita- atual patrono da Engenharia do Exército-,as glórias da conquista da Redenção, além de haver deixado em sua esteira e dos navios que comandou, um rastro de glórias que encheram as páginas de nossa História, conforme H.Boiteux.

Sua atuação na ilha da Redenção, por iniciativa própria e contrariando ordens, salvou a vida de centenas de soldados brasileiros e talvez tenha sido decisiva para a conquista da ilha defronte ao forte de Itapirú, em cuja conquista ele teve importante papel, bem como no bombardeio de Curupaiti, com sua canhoneira **Henrique Martins**. No comando do encouraçado **Cabral** forçou Curupaiti, sendo o 4º navio a atingir a meta. Duelou com a poderosa bateria "**Londres**" de Humaitá e foi o 1º a defender a possibilidade de forçamento do Humaitá pela Esquadra, o que lhe valeu algumas dificuldades e incompreensões. Vitoriosa sua idéia, não conseguiu ficar na testa da coluna como pleiteara. Mas agora, no comando do encouraçado **Silvado** apoiou em local de muito perigo, ancorado na margem, a épica transposição de Humaitá.

Segundo o comandante da Esquadra, visconde de Inhaúma, Jerônimo e mais dois comandantes foram colocados no forçamento de Humaitá, nos locais de maior perigo e honra. Operação épica classificada por Caxias "**de ação superior as das marinhas européias e norte-americanas em suas arriscadas lutas**".

De temperamento forte, altivo, mas não presunçoso, defendia seus pontos de vista com firmeza, clareza e coragem moral. Assim terminou entrando em choque com o comandante da Esquadra Inhaúma. E desde então até este deixar o comando da Esquadra em Operações, Jerônimo teve seu purgatório que suportou com muita altivez. Ao final foi nomeado diretor de um Hospital que recusou dizendo que "**não possuía predicados de enfermeiro**". Nomeado comandante do **Beberibe**. não aceitou sob o argumento de estar vago o comando do encouraçado **Colombo** que assumiria logo após Inhaúma deixar o Teatro de Operações.

Enquanto ia acesa esta diferença, o Imperador e o próprio Ministro da Marinha - barão de Cotegipe, diplomaticamente intercediam por ele junto a Inhaúma. O imperador escreve ao Ministro da Marinha nestes termos:

**"Espero que o Inhaúma já tenha dado a lição no Gonçalves que é um oficial de muito préstimo"**.

Do Ministro da Marinha a Inhaúma, intercedendo por Jerônimo, um jovem oficial de 33 anos apenas e daquele tipo audaz e intrépido que um comandante que um dia já foi assim, agora tem que segurá-lo como um dia foi segurado!

**"Releve como eu relevei as crianças e aproveite o que há de bom no rapaz. Sei que não falta coragem a nossa oficialidade e louvo os ciúmes que tem por motivação o desejo de se distinguir"**.

Em 16 de Fevereiro de 1869 assumiu o comando do 4º navio nesta guerra, o encouraçado **Colombo** e iria comandar a última operação de guerra naval do conflito.

Foi-lhe confiada a difícilíssima, muito arriscada e talvez, a rigor, imprópria operação naval de, no comando de uma flotilha fluvial remontar o estreito e raso rio Manduvirá, até Guaraguatai, na caça dos remanescentes da Esquadra do Paraguai. Foi a última expedição de guerra naval de nossa gloriosa Marinha de Guerra, sob fogo inimigo disparado das margens dos rios. Durante 15 dias de lutas, vigílias, martírios, dias trabalhosos, ele esteve à frente deste épico feito naval, digno de um filme em que se deseja exaltar a fibra e a coragem de nossos bravos marinheiros. Por seu desempenho heróico foi elogiado pelo Imperador e Ministro da Marinha que conheciam seu grande valor. Inhaúma também admirou-lhe o gesto! Apenas como chefe experimentado, tentava segurar os arroubos do jovem e intrépido guerreiro naval. Isto é comum na História Militar! Segundo seu genro, Jerônimo não era presunçoso e sim corajoso, confiante e com a noção exata do praticável e, muito modesto, ao ponto de seus filhos desconhecem seus feitos heróicos.

Outro feito de Jerônimo foi concorrer decisivamente para expulsar do rio e dos encouraçados **Cabral** e **Lima Barros**, as hordas de paraguaios que os abordaram. Jerônimo com o **Silvado** fez fogo contra estas canoas pondo-as a pique muitas delas e dispersando suas guarnições e, ao amanhecer abordou o **Cabral** e ajudou num corpo a corpo que liderou, a expulsar de bordo o inimigo. Jerônimo, desde a ilha da Redenção, até o término da Guerra para a Marinha, esteve sempre no ponto focal da luta e com destaque!

Ao final da Guerra casou com a baiana Hersília Baggi de Araujo, em 18 de Fevereiro de 1871, aos 36 anos, cuja união feliz deu origem a 9 filhos, 24 netos e 17 bisnetos. Em 1872 coube-lhe o comando da legendária **Amazonas** e o Distrito Naval-BA. Viajou à Europa para estudar o fabrico, ataque e defesa de torpedos. Comandou o encouraçado **Brasil** com o qual encalhou no Albardão, tendo sido absolvido, por unanimidade, em Conselho de Guerra de praxe que o julgou. Comandou o Batalhão Naval que disciplinou de forma notável. Ao final recebeu lembrança de seus subordinados, entre eles Alexandrino de Alencar que enfrentaria em 1894 como comandante do Aquidabã. Em cartão expressivo era ressaltado que comandara combinando doçura com firmeza, sempre que uma ou outra se fizessem necessárias. Comandou a Divisão Naval-PA. Atingiu o generalato como Chefe de Divisão, em 24 de Novembro de 1881. Republicano não cedeu a tentação de oferta de um título nobiliárquico. Reformou-se em 1883, com 35 anos de serviços. Residiu 5 anos na Europa e retornou em 1889. Estas eram suas qualificações que o recomendaram ao comando da Esquadra legal aqui evocada como ato de justiça histórica.

Jerônimo nasceu em Salvador, em 23 de Abril de 1835. Era filho do industrial João Francisco Gonçalves e de Ignez Gonçalves de Araujo. Ingressou na Escola Naval em 1852, quando ela funcionava na atual praça Mauá. Guerreiro naval nato, embarcou nos navios **Constituição**, **Euterpe**, **Golfinho**, **Canope**, **Catarinense**, **Olinda**, **Tonelero**, **Japurá**, **Ypiranga**, **2 de Julho**, **Magé**, **Baiana**, **Constituição**, **D. Januária**, **Princesa de Joinville**, **Itajai**, **Itamaracá**, **Henrique Martins**, **Cabral**, **Silvado** e **Colombo**, sendo os 4 últimos como comandante e na Guerra do Paraguai. Na paz comandou o **Amazonas** e o **Brasil**.

Comandante enérgico e disciplinador, ao encontrar a bordo dos navios tripulados por americanos que até então possuíam supremacia a bordo, reagiu violentamente, quando estes o recebera, no convés em desalinho e displicentes. Segundo Henrique Boiteux que testemunhou:

**"o almirante que dominava o ingles, disse-lhes com veemência que um almirante brasileiro não admitia aquela desconsideração. E para honra nossa fez-lhes baixar a crista e deles se desfez na primeira oportunidade, visto nao concordar na ingerência de estranhos em assuntos que somente a nós competia decidir. Estomagados ficaram os americanos mas nao tiveram outro recurso senão o submeterem-se ao alte. Gonçalves".**

Em 13 de Março de 1895, 1º aniversário da entrada da Esquadra legal no Rio, oficiais do Exército e Marinha, representando o conagraçamento destas forças, ofereceram-lhe um quadro alusivo que trazia a seguinte inscrição:

**"Ao heróico almirante republicano, oferecem os verdadeiros republicanos, em lembrança de seu Comando em Chefe da Esquadra Republicana, comemorando o dia mais glorioso de sua vida - 13 de Março de 1894".**

Jerónimo fora um paladino da união Marinha-Exército. Na guerra sempre recebeu em seus navios o Exército e sempre fora o primeiro a socorrê-lo, como foi o caso da ilha da Redenção, mesmo contrariando ordens superiores, merecendo após de Tamandaré esta referência ao Ministro da Marinha:

**"A canhoneira Henrique Martins ( de Jerônimo) foi a gloriosa do dia 10 de Abril".**

Ele sempre defendeu a necessidade de aproximação Exército-Marinha.

Ele faleceu em 12 de Maio de 1903, aos 68 anos. Em que pese seus notáveis e heróicos serviços ao Brasil é vulto naval pouco lembrado e muito menos festado. O conheci através do alte. Leôncio Martins, no Serviço de Documentação Geral da Marinha, que dentro da idéia de que **História é Verdade e Justiça**, o está colocando no seu merecido lugar, entre os grandes heróis navais do povo brasileiro. Sem dúvida, sua atuação brilhante à frente da Esquadra legal que pôs fim a 1/5 da Armada em Revolta, é um dos grandes feitos da História Naval do Brasil que precisa ser ressaltado e dele tirados os ensinamentos que sugere, passadas as paixões daquele momento, para serem incorporados ao patrimônio cultural naval do Povo Brasileiro.

### NOTAS

1. O Tiradentes foi comandado pelo CF José Pedro Alves de Barros. O Santos foi comandado pelo CF Gaspar Silveira Rodrigues também comandante da 3ª Divisão Naval que os dois integravam, mais o Baía.
2. Os dois oficiais do Exército eram o ten. Cavalaria João Cordeiro de Farias e João Cândido da Silva Murici. Foram contratados também 28 marinheiros constituindo assim o núcleo inicial da Esquadra legal de 76 homens.
3. As torpedeiras Bento Gonçalves e a Silva Jardim foram trazidas desde a Europa por comandantes chilenos partidários de Balmaceda. A 1ª foi inutilizada numa manobra infeliz, em Maceió, realizada pelo comandante chileno, segundo Henrique Boiteux.
4. Fornecem boas informações sobre a Esquadra legal: Epaminondas Vilalba, aí do maestro Villa-Lobos, em **A Revolta da Armada**. (Rio, Laemmert, 1897. 3ª. ed.p.171-185). Sobre o combate de Desterro de 16 de Abril de 1894 em que foi torpedeado o Aquidabã veja-se de VILALBA, citado **A Revolução Federalista do Rio Grande do Sul** (Rio, Laemmert, 1897) documentos 112-113 e de Alexandrino Faria Alencar **O combate de Santa Catarina de 16 de Abril de 1894** (Montevideu, s/ed, 1895). Foram postos fora de ação as canhoneiras **Bento Gonçalves** inutilizada na entrada de Maceió, ao comando de um oficial chileno, e a **Silva Jardim** que foi a pique entre Cabo Frio e Rio de Janeiro, depois de abalroada pela caça torpedos **Gustavo Sampaio** que ora é chamada de torpedeira e atuou como capitânia das canhoneiras. Negociou nos EUA a compra do **Niterói** (ex-El Cid), do **Andrada** (ex-Britania) e da torpedeira submarina **Piratini** o embaixador Salvador Mendonça. **A Piratini** foi ex-Destroyer. O alte. Joaquim Francisco de Abreu (1836-1895), herói da Guerra do Paraguai e da batalha do Riachuelo, no comando da **Belmonte**, natural da cidade de Rio Grande, foi que adquiriu na Europa do sr. Shichau de Elberg as torpedeiras **Pedro Ivo**, **Pedro Afonso**, **Silvado**, **Silva Jardim** e **Bento Gonçalves**. Ou seja adquiridas na Prússia. Foram trazidas ao Brasil sem nenhum incidente por uma guarnição de 16 alemães e chilenos cada, conforme registrou o **Times**, Londres, 29 de Janeiro de 1894, em "Notícias militares e navais". A caça torpedos **Gustavo Sampaio** (ex-Aurora) foi adquirida na Casa Armstrong na Inglaterra. **A Greenhalgh** também foi adquirida nos EUA para viajar no convés do **Andrada**. Fora construída por A.B.Wood e Cia. Existiam mais as torpedeiras de porto **Sabino Vieira** e **Tamborim** que eram transportadas pelos navios maiores. **A Sabino Vieira**, ex-**Moxotó**, foi comandada pelo catarinense tenente Henrique Boiteux.

### NOTA BIBLIOGRÁFICA

O combate de Desterro de 16 de Abril de 1894 que resultou no torpedeamento do Aquidabã pela torpedeira **Gustavo Sampaio** ao comando do tenente Altino Correia poderá ser bem entendido do confronto das seguintes fontes:

- ALENCAR, Alexandrino de. CF. Carta relatando o combate do Desterro de 16 de Abril de 1893 in: VILALBA. **Revolução Federalista..** Rio, Laemmert, 1897 e publicação do mesmo título publicado em Montevideu em 1895.
- CORREA, Altino. Carta rebatendo colocações de Alexandrino de Alencar sobre o combate do Desterro de 16 de Abril de 1894 e publicada in: PORTO, J. A. dos Santos. CT **0 combate de 16 de Abril de 1894 - reflexões.** Rio, Casa da Moeda, 1895 e in: GONÇALVES, Alberto Augusto, CF. **Traços biográficos do alte. Jerônimo Gonçalves.** Rio, Imprensa Naval, 1943.
- As **Reminiscências** do alte. Henrique Boiteux que integrou a Esquadra legal são muito esclarecedoras sobre esta força conforme a conhecemos em Bagé através do confrade Walter Fernando Piazza, que lá as apresentou e após nos cedeu cópia da qual retiramos informações históricas relevantes integradas neste trabalho.

Segundo o almirante Leôncio Martins, em palestra promovida pelo Clube Naval e Casa de Rui Barbosa, em 19 de Maio de 1893, no Colégio Santo Inácio, no Rio, os almirantes Alexandrino e Guilhobel que foram revoltosos em 1893/94 ocuparam após o Ministério da Marinha por cerca de 20 anos, razão pela qual, como via de consequência, a vida e obra do alte. Jerônimo foi esquecida, o que aquele historiador citado, num trabalho isento, qual juiz de um Tribunal da História, vem resgatando, inclusive na palestra citada de iniciativa do Clube Naval, a procura da verdade. Segundo ainda o historiador citado, Jerônimo pediu reforma por ver-se constrangido, como republicano, a participar com frequência de cerimônias no Palácio Imperial. Daí inclusive sua decisão de morar 5 anos na Europa, só retornando com o Brasil republicano. Dentro deste contexto de justiça e verdade histórica, o episódio naval da Esquadra legal ou Esquadra de Papelão, começa a ser estudado e considerado como em realidade foi e aqui procuramos demonstrar, um grande feito naval brasileiro. Já se observa reações de historiadores da Marinha de não conco darem com a expressão "**Revolta da Armada**" e sim "**Revolta na Armada**" ou "**Segunda revolta do alte. Custódio de Mello**", ou "**Revolta de 6 de Setembro de 1893 na Baía de Guanabara**". Chegou ao ponto de um debate dizer que chamar-se a revolta de 1/5 da Armada de Revolta da Armada, equivaleria a chamar-se a "**Revolta de Aragarças**" de "**Revolta da Aeronáutica**".